

PALESTRA DE ABERTURA: LER EM VOZ ALTA – AFETO E SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Prof.^a Dr.^a Lucila Maria Pastorello

A formação de leitores é tema caro e urgente na área da educação e deve ser compromisso de toda a sociedade, não apenas da escola. Embora seja possível identificar vários projetos de promoção à leitura, a partir de políticas públicas ou da iniciativa privada, o que se percebe na atualidade é uma realidade preocupante: em sua quarta edição, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Fundação pró-livro, 2016) aponta para pequenas alterações no perfil leitor do brasileiro nos últimos anos.

Pretendo neste texto apresentar algumas considerações a propósito da relação entre subjetividade na leitura, práticas leitoras e leitura literária. Para tanto, adoto uma perspectiva que considera a leitura como fenômeno de linguagem. Isto implica tratar a subjetividade como elemento constituinte da leitura, pensando a linguagem a partir de Benveniste (1976).

Conceito altamente polissêmico, a linguagem é objeto de estudo de diversos campos do conhecimento. De acordo como os “óculos teóricos” que se use, a linguagem pode ser vista como uma atividade mental superior, uma forma de comunicação, uma habilidade aprendida, um comportamento, uma forma de interação ou um sistema de produção de sentido. É nesta última concepção, a linguagem como um sistema semiótico, em que apoio minhas reflexões. O que não significa considerar inválidas as outras perspectivas.

A leitura, como fenômeno de linguagem, também apresenta diferentes faces, como nos diz Barthes e Compagnon (1987): uma técnica, uma prática social, uma forma de gestualidade, uma sabedoria, um método e uma atividade voluntária. Novamente, entender leitura como uma prática social, como um gesto, não significa desprezá-la como método, ou técnica. A natureza social e não natural da leitura implica o aprendizado da técnica, mas também o contágio, a transmissão feita pelo outro, já que

é atividade voluntária. É deste contágio, deste “vírus” como sugere José Mindlin¹ que trataremos. Como se dá? Existem elementos facilitadores?

Antes de explorar este processo de contágio, algumas observações sobre leitura e subjetividade que nortearão este texto.

Entender a leitura como linguagem nos remete a noção de que leitura é um discurso, portanto faz texto. Ora, então lemos ou fazemos o texto? A leitura para Barthes (2004:64) é onde o texto acontece “...a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino”. O sentido de um texto é dado em parte pelos fios que tece o autor e pelas condições de produção do discurso. Entende-se aqui leitura como atividade enunciativa: quem lê, quando, onde, como, para quem, a partir de que suporte, por que lê.

Assim, a leitura é estruturante da produção de sentido do texto. A subjetividade aqui se coloca como constituinte da leitura.² Existe uma relação entre texto e leitor, que determina a leitura. A emergência do sujeito no texto pode ser vista nos *lapsus calami* (Freud (1901/1987), mas também nas escolhas, nos preenchimentos dos vazios apresentados pelo texto³, que sendo linguagem, suporta uma errância de sentido, uma possibilidade aberta a novas criações semióticas. Quem lê, está ao mesmo tempo escrevendo, comenta Milton Hatoum, citado por Mindlin (2007).

Esta característica particular da linguagem, subversiva à língua – que é código autoritário - permite ao leitor a participação ativa no texto e um sentimento de pertencimento, de ativação de sua história, de sua forma de processar o mundo. O leitor investe a partir de seu corpo – orgânico, psíquico, sonoro – nas letras. Processo que

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LyKXLtn1mFg>

² Subjetividade aqui entendida, não por oposição à objetividade, mas a partir da psicanálise especialmente em Freud e Lacan.

³ Os estudos da escola de Konstanz, a cerca da “estética da recepção” especialmente os trabalhos de Iser (1996) apontam para o valor da atividade leitora.



aciona memória, desejo e cultura. A leitura assim vivida permite o protagonismo do leitor, abre o olhar atento, a possibilidade de ser diferente de criticar e criar.

Este modelo leitor é bastante diferente de outro tipo de modelo, em que há um texto a ser compreendido, sem falhas, sem equívocos. Este modelo coloca o leitor como passivo diante do texto e interessa particularmente ao controle do sentido.

Naturalmente o controle do sentido varia em função da natureza do texto, dos gêneros textuais e das práticas leitoras. O manual de instruções de uso de um microscópio, uma receita de bolo, um endereço, uma fórmula matemática, um conto e uma poesia, permitem, em função de seus objetivos e composição, que o leitor se coloque em diferentes posições de atividade. Vale observar que mesmo no ao digitar um preciso endereço eletrônico há margem para o erro, o deslize, a distração, o sujeito operando.

Portanto, há no próprio texto, indícios de participação variável do leitor. Há textos em que a abertura de sentido não é interessante. Há outros que suportam esta atividade. O desenvolvimento de uma leitura crítica e criativa está, portanto, associado a textos que permitem a participação do leitor. Aqui estamos no campo da literatura.

Retomado a indagação sobre os elementos facilitadores da transmissão do gosto pela leitura, aqui temos uma pista. A leitura literária, por suportar a atividade subjetiva tranquilamente, oferece acolhida à criação, a expressão pessoal, à experiência da alteridade, a criação de mundos alternativos, a ativação de emoção. A literatura atrai, acolhe, acalanta, afeta.

As reflexões de Michèle Petit (2008) sobre o trabalho com leitura como instrumento de resiliência em comunidades em situação de risco social ilustram bem a potencialidade transformadora da leitura literária. Assim como os resultados positivos de práticas de leitura literária em grupo no tratamento de indivíduos diagnosticados com depressão, publicados pela Universidade de Liverpool (Bilingnton 2010), acenam para a relação entre leitura e saúde mental.



A leitura literária, além de ativadora da emoção e subjetividade, da transmissão cultural e da reflexão crítica, provoca o leitor ao exigir um trabalho diferenciado de construção linguística. As características do texto verbal, a ativação de elementos como a intertextualidade, as figuras de linguagem, a manejo de vocabulário, as criações imagéticas e sensoriais, inversões, neologismos, ritmos e sonoridades provocam um investimento linguístico que marca o leitor.

A literatura areja as palavras, faz animar a língua, criando novos sentidos. Com o sopro literário as palavras vão a outros lugares e cada leitor fica um pouco diferente, um pouco mais esperto, um pouquinho mais gente (Pastorello, 2010).

A leitura da poesia em especial, tem sido estudada como dinamizadora de atividade mental intensa e extensa, diferenciando-se da leitura de textos informativos (Zeman, 2013). A poesia “acende” o cérebro, ativando várias áreas de atividade ao mesmo tempo.

O poeta Ferreira Gullar (2005: 239) nos diz: *O poema é uma coisa que não tem nada dentro*. Também Virgínia Wolf que observa que *o impacto da poesia é tão forte e direto que para este momento não há outra sensação senão a do poema em si*. (2007:130) Trata-se de uma forma languageira que não persegue a função de representar alguma coisa. A poesia é. Uma experiência próxima do Real, impossível de ser dita de outra forma, que não ela mesma.

A experiência da leitura então se apresenta como singular, promotora de saúde mental e social e ativadora da formação do leitor crítico. Antonio Candido a defende como um direito (Cândido, 1995). Vale discutir como este direito tem sido tratado na escola e em algumas iniciativas de promoção da leitura.

A escolarização da literatura tem sido discutida por diversos autores, mas cabe lembrar que ao tornar a literatura uma disciplina escolar (ou tratá-la como *livro paradidático*) algo se ganha, algo se perde. Talvez a forma de trabalhar a leitura

literária na escola possa se transformar a partir da assunção de um modelo de leitor ativo, crítico e criativo.

Lima (2016) alerta para a ausência, ou o mau trato com os textos literários no ensino fundamental. Justamente em um momento em que a criança está às voltas com o processo de alfabetização, em que as reflexões metalinguísticas começam a operar mais intensamente. Ora, este é sim o momento de afetar a criança a partir de textos poéticos, polilógicos⁴, enfim literatura.

Na leitura de textos literários, em especial textos polissêmicos, polilógicos, poéticos, o leitor faz aparecer a criação literária naquilo que ela pode comportar de transgressora, inovadora: em vez de contornar as dificuldades da língua, o que está em jogo é sacudir as palavras, arejar os sentidos. Pastorello, 2013.

Também Belintane, chama a atenção para aspectos dos jogos linguísticos da literatura e da poesia na oralidade que podem funcionar como *recursos de escrituração* (2006:79) que operam na oralidade, que fazem marcas e por seu trato com o significativo abrem espaço para a subjetividade.

A exposição da criança em processo de apropriação da linguagem oral e escrita à literatura parece provocar um movimento identificatório que afetará seu corpo sonoro. Imprimindo marcas mnêmicas a literatura oferece um repertório de possibilidades linguístico-fonológicas e discursivas que fará parte do repertório e da história da criança.

A leitura literária e seu potencial transformador é indispensável na formação de leitores. Mas além da natureza do texto, podemos identificar outro elemento na dinamização do afeto e do enlace com o leitor: as práticas de leitura, ou como a leitura

⁴ Kristeva (1977) chama de *polylogue* o texto que reúne diferentes modalidades significantes: uma rima/som/voz/escansão, que não é localizável em um ponto, mas dispersa no tecido da linguagem.



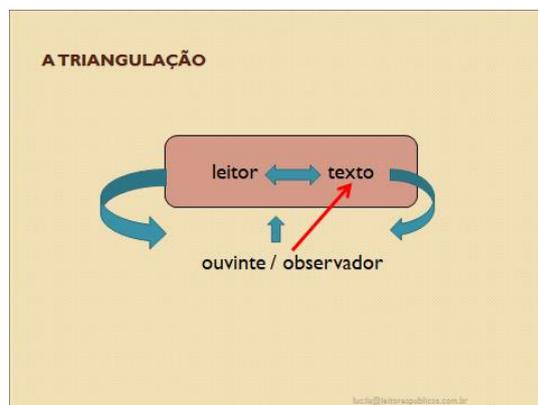
acontece. Mais especificamente trago a questão da leitura em voz alta, foco de minhas reflexões e de minha prática.

Ler para o outro dinamiza elementos que apresentam grande potencial para provocar e convocar o outro: a voz, o corpo que vai ao outro.

Tomando literatura como arte, assim como Iser (1996), a partir da estética da recepção, é possível pensar a recepção da leitura em voz alta como o espaço da criação um lugar e tempo suspenso da realidade, de uma atenção para o escrito, a partir da percepção da relação íntima do leitor com o texto.

O potencial invocante⁵ da voz, o olhar, o testemunho de uma relação particular convocam aquele que escuta e vê o outro lendo a um movimento para o texto. Justamente o que interessa na formação de leitores, o movimento para o texto.

É assim que se configura uma triangulação entre o texto, o leitor e o ouvinte/observador da cena de leitura em voz alta (Pastorello, 2013). A literatura em voz alta, portanto é uma atividade cujo potencial de afeto é duplamente determinado: pela natureza do texto e pelas características da cena de leitura.



A cena de leitura em voz alta permite à criança ouvir a escrita a partir de um saboreamento, do saber as letras: torna-se assim um espaço privilegiado para uma atividade de letramento e letrante, em

⁵ Pesando aqui os trabalhos de Lacan (1990), sobre a voz como pulsão invocante.

que a escrita em voz alta pode remeter cada um à sua escrita pessoal.
Pastorello 2013.

Aqui cabem duas observações sobre as práticas de leitura literária que observamos na atualidade: a contação de histórias e a mediação de livros.

Em minha experiência em oficinas de leitura em voz alta e formação de educadores percebo uma indefinição, ou confusão entre as práticas de *contação de história e leitura em voz alta*. Importante lembra que são práticas diferentes, embora guardem *semelhanças*. Não se trata de hierarquizar, mas conhecer as especificidades de cada prática.

Na *contação de histórias*, o foco é a narrativa ou o modo de dizer do contador, que pode usar adereços e nem sempre está com o texto escrito presente; muitas vezes o escrito passa por adaptações, ajustes, releituras. Quem conta um conto aumenta um ponto. Próxima à dramaturgia, a origem desta prática se confunde com a própria origem da história da humanidade. Contar histórias é, portanto, anterior à escrita, anterior a leitura.

Na *leitura em voz alta* é preciso ser fiel ao texto, é preciso estar com o escrito em mãos. Naturalmente os deslizamentos melódicos e a expressividade leitora fazem texto, mas não é preciso pirotecnias vocais ou dramaturgia. A presença do escrito e o envolvimento do leitor com o texto fazem a cena.

Percebo que alguns educadores se sentem pouco à vontade para ler em voz alta, supondo a necessidade de dons artísticos, o que é um equívoco. Também observo a preocupação em alterar o texto na leitura, evitando palavras difíceis ou passagens imaginariamente desagradáveis. Perde-se assim a questão mais importante da leitura em voz alta, o empréstimo da voz ao texto, a possibilidade de uma leitura que escreve nas entrelinhas.

Outra prática altamente difundida para além da escola é a mediação de leitura. Nesta atividade, sim, o leitor é fiel ao texto. Contudo a ideia de que o mediador funciona como ponte entre a criança (ou que recebe a mediação) faz perder a riqueza da criação no ato da leitura, deixando de fora o mediador na produção do sentido do texto, o que nos aproxima de uma leitura correta, de um sentido dado no texto e não no leitor. Embora a mediação de leitura seja uma prática difundida e interessante para a formação de leitores e para a difusão da literatura, é preciso apontar para a ausência do trato com a subjetividade nas reflexões sobre a prática.

Retomando a indagação que provocou este texto, procurei aqui salientar as especificidades da leitura literária que interferem na formação de leitores a partir da estrutura discursiva do texto de literário e da prática da leitura em voz alta. A criação de um espaço-texto que provoca e suporta o sujeito produz marcas que fazem da leitura um encontro transformador.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland & COMPAGNON, Antoine. “Leitura”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Tradução de Teresa Coelho. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, vol. 11, pp. 184-206.
- _____. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- BELINTANE, Claudemir “Subjetividades Renitentes entre o Oral e o Escrito”. In: Rezende, N. L.; Riolfi, C. R. & Semeghini-Siqueira, I. *Linguagem e Educação: Implicações, Técnicas, Éticas e Estéticas*. São Paulo, Humanitas, 2006.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo, Companhia Editora Nacional/Edusp, 1976.
- BILINGTON, J.e colbs. *An investigation into the therapeutic benefits of reading in relation to depression and well-being*. Liverpool University, 2010. Disponível em https://www.liverpool.ac.uk/media/livacuk/instituteofpsychology/web_version_therapeutic_benefits_of_reading_final_report_Mar.pdf.



-
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FAILLA, Z. (org.) *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FREUD, Sigmund “Sobre a Psicopatologia da Vida Quotidiana” (1901). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- GULLAR F. *apud* BOSI A., *Ferreira Gullar*, São Paulo, Global, 2005.
- HATOUM *apud* B. Mindlin, “Um Saber Sustentável: O Livro e a Voz”, em: Instituto. *Ecofuturo, A Vida que a Gente Quer Depende Daquilo que a Gente Faz*, 2007, p. 120.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo, Editora 34, 1996, vol. 2.
- KRISTEVA, Julia. *Polylogue*. Paris, Éditions du Seuil, 1977.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro xi: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- LIMA, S.O. *Subjetividade e formação do leitor: o problema da ausência da literatura literária em livros didáticos do ciclo 1 do ensino fundamental*. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários** Volume 31 (dez. 2016) – 1-115 – ISSN 1678-2054 <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa>
- PASTORELLO L.M. 2010. “Arejando palavras: linguagem, literatura e leitura” In *Para que serve a literatura?*. São Paulo, Instituto Ecofuturo, 2010. Disponível em www.ecofuturo.org.br/blog/pra-que-serve-a-literatura/.
- _____. *Leitura em Voz Alta e Produção da Subjetividade: Um Caminho para a Apropriação da Escrita*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- PETIT, Michèle. *A arte de Ler*. São Paulo Ed. 34, 2008.
- WOOLF, Virginia. *O Leitor Comum*. Tradução, seleção e notas de Luciano Viègas. Rio de Janeiro, Graphia, 2007.
- ZEMAN, Adam; MILTON, F.; SMITH, A.; RYLANCE, R. “By Heart An fMRI Study of Brain Activation by Poetry and Prose. *Journal of Consciousness Studies*, Volume 20, Numbers 9-10, 2013, pp. 132-158(27)

